

INCIDENTE NO QUINTAL

Maya Angelou

INCIDENT IN THE YARD, 1990

“Não serás imundo” e “Não serás insolente” eram os dois mandamentos da Avó Henderson, dos quais pendia a nossa plena salvação.

Todas as noites, no rigor do Inverno, éramos forçados a lavar cara, braços, pescoço, pernas e pés antes de irmos para a cama. Ela costumava acrescentar, com um sorriso malicioso, que as pessoas puras perdem o controlo quando se aventuram na profanação e que “lavam o mais possível e depois lavam o possível”.

Íamos até ao poço e lavávamo-nos na água gelada e cristalina, untávamos as pernas com vaselina endurecida pelo frio e depois entrávamos em casa em bicos de pés. Limpávamos o pó dos dedos e instalávamo-nos para deveres da escola, broa, leite coalhado, orações e cama, sempre nesta ordem. A Momma era conhecida por puxar as mantas para trás depois de termos adormecido para examinar os nossos pés. Se a seu ver eles não estivessem suficientemente limpos, pegava na vara (conservava uma atrás da porta do quarto para as emergências) e acordava o transgressor com uns quantos lembretes dolorosos e bem assentes.

De noite, a zona à volta do poço era escura e escorregadia e os rapazes falavam sobre o gosto das cobras pela água, de maneira que qualquer pessoa que fosse de noite tirar água e depois ficasse por ali sozinha a lavar-se sabia que serpentes venenosas, cascavéis, víboras grandes e jibóias deslizavam em direcção ao poço e chegariam no momento em que a pessoa que se lavava tivesse sabão nos olhos. Mas a Momma convenceu-nos de que não só a limpeza estava próxima da Religiosidade, como a sujidade era a inventora da miséria.

A criança insolente era detestada por Deus e uma vergonha para os pais e podia trazer destruição à sua casa e ascendência. Todos os adultos tinham que ser tratados por Mister, Missus, Miss, Auntie, Cousin, Unk, Uncle, Buhbah, Sister, Brother e milhentos outros nomes reveladores dos diversos graus de familiaridade e da humildade daquele que se lhes dirigia.

Todos aqueles que conhecia respeitavam estas regras e costumes, à excepção das crianças da escumalha branca.

Algumas famílias de escumalha branca viviam nos terrenos de cultivo da Momma, atrás da escola. Às vezes chegava à Loja um bando deles, enchendo-a por completo, afugentando o ar e chegando mesmo a modificar os aromas familiares. As crianças trepavam pelas prateleiras e para dentro das caixas de

batatas e cebolas, fazendo vibrar constantemente as suas vozes agudas como se fossem guitarras feitas de caixas de charutos. Tomavam liberdades na minha Loja de que eu nunca me atreveria. Uma vez que a Momma nos tinha ensinado que quanto menos disséssemos aos brancos (ou mesmo à escumalha branca) melhor, eu e o Bailey permanecíamos de pé, solenes, quietos, no ar em movimento. Mas se alguma dessas aparições brincalhonas se aproximasse de nós, beliscava-a. Em parte devido a uma frustração de revolta e, em parte, porque não acreditava na sua realidade física.

Tratavam o meu tio pelo nome próprio e mandavam-lhe fazer coisas aqui e ali na Loja. Ele, para minha grande vergonha, obedecia-lhes no seu jeito vacilante e subserviente.

Também a minha avó seguia as suas ordens contudo, ela não parecia ser servil, pois antecipava as suas necessidades.

“Aqui tem o açúcar, Miz Potter, e aqui tem o fermento em pó. No mês passado não comprou soda, provavelmente deve estar a precisar de alguma.”

A Momma dirigia sempre as suas palavras aos adultos mas, por vezes, Oh dolorosas vezes, as raparigas encardidas e de nariz ranhoso ripostavam.

“Ora, Annie...”, à Momma? Que era a dona da terra onde elas viviam? Que já esquecera mais do que aquilo que elas alguma vez aprenderiam? Se havia justiça no mundo, Deus devia torná-las mudas de imediato! “Dá-nos só algumas bolachas d’ água e sal e mais algumas cavalas.”

Pelo menos nunca a olhavam de frente, ou então nunca as apanhei a fazer tal coisa. Ninguém com o mínimo de educação, nem mesmo o pior dos biscateiros, olharia de frente um adulto. Isso significava que a pessoa estava a tentar tirar-lhe as palavras antes de serem pronunciadas. As criancinhas sujas não faziam isso, mas atiravam ordens pela Loja como se fossem açoites de um chicote de nove tiras.

Quando eu tinha cerca de dez anos, essas crianças desmazeladas foram a origem da experiência mais dolorosa e confusa que alguma vez tive com a minha avó.

Numa manhã de Verão, depois de ter varrido o quintal das folhas, papéis de gomas de hortelã-pimenta e etiquetas de salchichas de Viena, alisei a terra vermelha-amarelada com o ancinho e desenhei cuidadosamente meias-luas, para que o padrão se destacasse claramente como numa máscara. Guardei o ancinho atrás da Loja e vim pelas traseiras para encontrar a Avó no alpendre da frente, no seu grande e amplo avental branco. O avental estava tão teso devido à goma que se podia segurar de pé. A Momma estava a apreciar o quintal, por isso fiz-lhe companhia. Parecia mesmo uma cabeça ruiva e plana, penteada com um pente de dentes largos.

A Momma nada disse, mas eu sabia que ela gostava. Olhou para a casa do director da escola e, para a direita, para a de Mr. McElroy. Ela tinha esperança

que um desses pilares da comunidade visse o desenho antes de este ser apagado pela azáfama do dia de trabalho. Depois olhou para cima na direcção da escola. Eu voltara a minha cabeça na mesma direcção e, por isso, foi quase ao mesmo tempo que vimos um bando de miúdas da escumalha branca a marchar pela colina junto à escola.

Olhei para a Momma procurando orientação. Fez um excelente trabalho de inclinação da cintura para baixo, mas da cintura para cima parecia estar a tentar alcançar o topo do carvalho do outro lado da estrada. Depois começou a gemer um cântico. Talvez não fosse a gemer, mas a melodia era tão lenta e o ritmo tão estranho que poder-se-ia dizer que estava gemer. Não tornou a olhar para mim. Quando as crianças chegaram a meio do caminho entre a colina e a Loja, disse sem se virar, “Querida, vai para dentro.”

Queria implorar-lhe: “Momma, não espere por eles. Venha comigo para dentro. Se eles entrarem na Loja, vá para o quarto e deixe-me atendê-los. Eles só me assustam se estiver por perto. Sozinha sei como lidar com eles.” Mas claro que não podia dizer nada, por isso entrei e fiquei parada atrás da porta de rede.

Antes das raparigas chegarem ao alpendre, ouvi o seu riso a estalar e a saltar como cepos de pinheiro num fogão de cozinha. Suponho que a minha eterna paranóia nasceu naqueles minutos frios e vagarosos como o melaço. Ficaram, por fim, paradas no pátio em frente à Momma. No início fingiram que estavam muito sérias. Então uma delas enrolou o braço direito na curva do esquerdo, empurrou os lábios para fora e começou a entoar algo. Percebi que estava a macaquear a minha avó. Uma outra disse: “Ora, Helen, não estás como ela. Assim é que é.” Em seguida levantou o peito, cruzou os braços e troçou daquela estranha presença que era a Annie Henderson. Uma outra riu ainda: “Ora, não consegues imitar. Os teus lábios não estão suficientemente para fora. É assim.”

Pensei na espingarda atrás da porta, mas sabia que nunca a conseguiria segurar com firmeza, e a .410, a nossa caçadeira de canos serrados que estava sempre carregada e que era disparada todas as noites de Ano Novo, estava fechada no baú e o Tio Willie tinha a chave na sua corrente. Através da porta de rede manchada pelas moscas, via que as tiras do avental da Momma se agitavam com as vibrações do seu entoar. Mas os seus joelhos pareciam estar aferrolhados, como se nunca mais voltassem a dobrar.

Continuava a cantar. Nem mais alto, nem mais baixo do que antes. Nem mais depressa, nem mais devagar.

A imundície dos vestidos de algodão das raparigas prolongava-se pelas pernas, pés, braços e caras, fazendo delas uma só peça. O seu cabelo, gorduroso e descolorido pendia despenteado, num aspecto final assustador. Ajoelhei-me para as ver melhor, para que as recordasse para todo o sempre. As lágrimas que

escorregaram para o meu vestido deixaram as esperadas manchas escuras e tornavam o quintal da frente indefinido e ainda mais irreal. O mundo tinha respirado profundamente e estava com dúvidas se continuaria a girar.

As raparigas cansaram-se de fazer troça da Momma e optaram por outras formas de provocação. Uma delas cruzou os olhos, meteu os polegares nos cantos da boca e disse: “Olha para aqui, Annie.” A Avó continuou a entoar o seu cântico e as fitas do avental estremeceram. Queria atirar-lhes à cara uma mão-cheia de pimenta preta, atirar-lhes lixívia, berrar-lhes que eram uns *pica-paus*¹ imundos e desprezíveis, mas sabia que estava claramente aprisionada atrás da cena, tal como os actores lá fora estavam confinados aos seus papéis.

Uma das raparigas mais pequenas executou uma espécie de dança de fantoches, enquanto as suas companheiras de palhaçada se riam dela. Mas a rapariga alta, que era quase uma mulher, disse qualquer coisa muito baixinho, que não consegui ouvir. Todas recuaram, afastando-se do alpendre, mas continuando a observar a Momma. Por um terrível segundo pensei que iam atirar uma pedra à Momma, que parecia ter-se ela própria transformado numa pedra (à excepção das fitas do avental). No entanto, a rapariga grande voltou-se de costas, dobrou-se e pôs as mãos espalmadas no chão; não pegou em nada. Simplesmente equilibrou-se e fez o pino.

Os seus pés descalços e sujos e as suas pernas compridas ficaram espetadas para o céu. O vestido caiu-lhe pelos ombros e não tinha cuecas vestidas. O pêlo púbico liso formava um triângulo castanho onde as pernas se uniam. Permaneceu no vácuo daquela manhã sem vida por apenas alguns segundos e depois balançou e deu um salto acrobático. As outras deram-lhe palmadas nas costas e aplaudiram-na.

A Momma mudou o seu cântico para “Pão do Céu, pão do Céu, alimenta-me até estar saciada.”

Apercebi-me de que também eu rezava. Por quanto mais tempo conseguiria a Momma resistir? A que nova indignidade se lembrariam elas de a sujeitar? Será que me conseguiria manter afastada de tudo? O que é que a Momma queria que eu realmente fizesse?

Em seguida começaram a ir embora do quintal, regressando à cidade. Acenaram com as cabeças e abanaram os seus traseiros insolentes e viraram-se, uma de cada vez:

“Adeus, Annie.”

“Adeus, Annie.”

“Adeus, Annie.”

¹ N.T. – *Pica-pau*: Pessoa branca, normalmente do Sul dos EUA. O pica-pau vermelho (com a cabeça e pescoço vermelhos) era o símbolo dos Brancos em contraste com o corvo, símbolo dos Negros.

A Momma nunca virou a cabeça ou descruzou os braços, mas parou de cantar e disse: “Adeus, Miz Helen, adeus Miz Ruth, adeus Miz Eloise.”

Explodi. O fogo-de-artifício de Quatro de Julho explodiu. Como podia a Momma tratá-las por Miz? Aquelas coisas malvadas e detestáveis? Porque não pôde ela vir para dentro da loja doce e fresca quando as vimos a enfrentar a colina? O que é que ela provou com isto? E, depois, se elas eram sujas, más e insolentes, porque é que a Momma tinha de as tratar por Miz?

Ela assim permaneceu durante mais um cântico e depois abriu a porta de rede para me ver a chorar de raiva. Olhou-me até eu levantar os olhos. A sua cara era uma lua castanha que brilhava sobre mim. Ela era bonita. Alguma coisa, que eu não compreendia inteiramente, tinha acontecido lá fora, mas podia ver que ela estava feliz. Depois baixou-se e tocou-me como as mães da igreja quando “confortam os doentes e os aflitos” e sosseguei.

“Vai lavar a cara, Querida.” E foi para trás do balcão dos doces e entoou: “Glória, glória, aleluia, quando alívio o peso da minha cruz.”

Atirei água do poço à cara e usei o lençinho dos dias de semana para me assoar. Qualquer que tivesse sido a disputa lá à frente, sabia que a Momma vencera.

Levei o ancinho de novo para o quintal da frente. As marcas das pegadas foram fáceis de apagar. Trabalhei durante bastante tempo no meu novo desenho e guardei o ancinho atrás do pote da barrela. Quando regresssei à Loja, peguei na mão da Momma e saímos ambas para ver o desenho.

Era um coração grande com corações cada vez mais pequeninos dentro dele e havia uma seta que o atravessava desde a borda de fora até ao coração mais pequeno. A Momma disse: “Querida, é mesmo muito bonito.” Depois voltou para dentro da Loja e prosseguiu: “Glória, glória, aleluia, quando alívio o peso da minha cruz.”

Trad. de Sofia Morais d’Almeida²

² Antiga aluna da Licenciatura Bietápica em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução Especializada.